

Novembro de 2006



CONTACTO

Folha Informativa da **AMI-GISC**

Rua Conde de São Bento N°155
4780-232 Couto (Santa Cristina)

Site: www.amigisc.no.sapo.pt

E-mail: amigisc@sapo.pt

Caro Associado(a)

As actividades da Associação continuam de vento em popa como não podia deixar de ser, além de que as perspectivas de futuro são optimistas mantendo-se os actuais ritmos de adesão de associados e participação crescente nas actividades da Associação.

Desde o último contacto várias iniciativas ocorreram, organizadas pela nossa Associação, destacando em Abril a caminhada guiada em jeito de passeio ao Monte Padrão pelo Clube dos Caminhantes, que contou com uma participação significativa de associados e Cristinenses. Em Maio outra actividade do Clube dos Caminhantes, que foi a visita às quedas de Fervença, um local de extrema beleza que, teve igualmente uma boa adesão dos Associados e Conterrâneos.

Apesar de algumas iniciativas **relevantes** na semana da freguesia promovida pela nossa Junta, outras ficaram aquém das expectativas por parte da adesão dos Cristinenses. realçando também pela negativa a ausência da nossa Associação, da participação no evento, quando era suposto a participação de **todas as Associações**.

No início de Julho aconteceu mais uma sessão dos “Encontros pró Café” realizado na nova Loja da Cultura da freguesia, cujo tema foi a Saúde Pública (focando mais a vertente do Alcoolismo) que contou como oradores com a Dr.^a Joana e Dr.^a Piedade, numa sala cheia e participativa. Também a 16 de Julho ocorreu mais um passeio convívio, com destino à cidade de Lamego (com visita ao Museu), e paragens em Amarante e Entre os Rios (onde pudemos contemplar o local da tragédia que enlutou o país inteiro) e também no Parque da Cidade onde foi feito o ultimo momento de convívio em jeito de piquenique. Foi um estrondoso sucesso no qual o autocarro não chegou para as encomendas.

Em Agosto teve começo a 2^a campanha de recolha de livros escolares usados para reutilização que pura e simplesmente foi ignorada pela população (ainda dizem que o nível de vida está caro...)

Fora esses eventos, as maiores novidades prendem-se com a aquisição de um frigorífico por parte da Associação (usado mas funcional), a realização de um inventário do património da Associação, a criação de um fórum de discussão na Internet, uma reunião com responsáveis das associações da Freguesia aonde foi discutido o Associativismo. na

freguesia.

Melhor só com a sua participação mais efectiva. Sentimos a sua falta...

A Direcção

Caros conterrâneos.

*No passado, hoje e amanhã certamente, todos nós passamos ou passaremos por momentos difíceis na vida, e dos mais difíceis serão certamente os graves problemas de saúde e consequentemente a **morte**, de pessoas a quem nos sentimos efectivamente ligados e amamos muito. É pois nessa caminhada de sofrimento que percorremos após a perda, que por vezes mergulhamos na escuridão, e só com a ajuda de terceiros (médicos e outros), conseguimos de novo encontrar a luz, que neste mês de Novembro tem especial enquadramento e nos leva à reflexão.*

*A energia da luz como acto social de solidariedade também pode ser gerada com a força das palavras em jeito de “**Partida e chegada**”*

Partida e chegada

Quando observamos da costa um veleiro a afastar-se, navegando mar adentro impelido pela brisa, estamos diante de um acontecimento com alguma beleza. Contudo o barco impulsionado pela força dos ventos, vai ganhando o imenso mar azul, e cada vez nos parece menor. Não demora muito e só podemos contemplar um ponto branco indeciso na linha remota do horizonte, onde o mar e o céu se encontram e em sintonia passeiam de mão dada, na mais perfeita harmonia.

Quem observa o veleiro sumir na linha do horizonte, certamente exclamará:

Já se foi! Terá sumido? Evaporado? Não certamente, apenas o perdemos de vista. O barco continua do mesmo tamanho e com a mesma capacidade que tinha quando estava perto de nós. Continua tão capaz quanto antes de atracar no porto de destino, porque o veleiro não evaporou, apenas não o podemos ver mais.

É talvez, no exacto momento em que alguém diz : “já se foi”, que haverá outras vozes, lá mais além no porto de destino, a afirmar:

“Já lá vem o veleiro”. Assim é com a **MORTE**...

O ser que amamos continua o mesmo. Para nós, a sua capacidade física perde-se, mas as suas conquistas seguem intactas no nosso pensamento, da mesma forma que quando estava ao nosso lado

Conserva tudo, nada se perde a não ser o corpo físico de que não necessita mais lá no outro lado. E é assim, que de rosto no chão e roídos pela amargura que a perda nos causa, que no mesmo instante em que dizemos: “já se foi” no mais além, alguém dirá feliz: “já está chegando”.

Chega ao destino levando consigo as aquisições feitas durante a viagem terrena.

A vida jamais se interrompe. Transforma-se...

Cada um leva a sua carga de vícios e virtudes, de afectos e defectos, até que alguém resolva por desfazer-se daquilo de que julgar desnecessário.

A vida é feita de partidas e de chegadas, de idas e vindas. Assim o que para uns parece ser a partida, para outros é a chegada.

Um dia partimos do mundo espiritual na direcção do mundo físico, no outro partimos daqui para o espiritual, num constante ir e vir, como viajantes da imortalidade que somos todos nós, na FÉ e no AMOR...

António Gomes

Cultura de dormitório invade Couto (Santa Cristina)

Couto (Santa Cristina) devido a sua proximidade e futura inclusão, na cidade de Santo Tirso, tem vindo a manifestar alguns aspectos do que se costuma designar por cultura de dormitório, que é caracterizada por uma baixa participação dos residentes em actividades organizadas na própria freguesia, sejam elas vindo das Associações, Junta de Freguesia e até da Paróquia. O que é verdade é que a nossa freguesia cada vez mais é escolhida como residência devido a sua boa localização. Mas não passa disso mesmo: uma residência aonde se descansa e no dia seguinte dirigimo-nos para fora, para o trabalho ou escola. Apesar do aumento da população ao longo dos anos estando já

em números redondos acima das quatro mil pessoas, tem havido um decréscimo na participação e organização de eventos por parte dos Cristinenses. A título de exemplo, há vinte anos atrás existiam cerca de três grandes romarias na freguesia, hoje a única sobrevivente é a festa de Santo André no lugar da Ermida, que atesta a cada vez menor participação dos residentes.

Em termos claros a cultura local da freguesia está-se a perder, sendo cada vez mais uma sombra da nossa freguesia vizinha de Santo Tirso. Facto intrigante é que São Miguel do Couto tem conseguido manter a sua cultura numa certa forma, talvez ajudada pela sua menor população sendo difícil quebrar certas tradições e romarias, situação que também não ocorre nas freguesias rurais vizinhas de Monte Córdova, São Tiago da Carreira e Guimarei.

Esse imobilismo está a aumentar a olhos vistos, num sentido em que num curto espaço de tempo, qualquer vestígio da cultura e empenho da população deixem de existir sobrando apenas o nome do lugar geográfico.

Esta reflexão deve ser feita por todos os responsáveis do associativismo local, assim como pelos órgãos autárquicos, em que todos os agentes se devem unir para evitar o desaparecimento da cultura da freguesia e incentivar uma maior participação dos residentes e integrar quem escolhe a nossa freguesia para residir.

Miguel Martins

Onde pára a polícia?

Na cidade de Santo Tirso tem sido realizadas bastantes obras que obrigam a frequentes alterações do trânsito, algumas delas de carácter definitivo. É sabido que obras significam incómodos, mas são incómodos bem-vindos pois, no final dessas mesmas obras as melhorias introduzidas superam os incómodos causados. Não é pois contra as obras que aqui se fala.

Ora acontece que, o incómodo natural decorrente das ditas obras, aliado ao egoísmo e falta de civismo de alguns criam situações de grave incómodo à maioria das pessoas que circulam nessas zonas, peões ou automobilistas. Vimos situações dessas frequentemente, em frente

ao Hospital de Santo Tirso e na Rua da Ponte Velha ao Lidl.

Seria pois de esperar das diversas autoridades uma atenção especial a essas zonas “funil”, no sentido de evitar abusos e garantir um razoável fluxo de tráfego. Tal não se tem visto.

Será que as autoridades (nacionais ou locais) só entendem o seu papel repressivo (multas) desprezando o seu papel pedagógico, disciplinador e regulador? É pena que assim seja!

Nuno Vasconcelos



Angina do Peito—Dor no peito, por vezes com irradiação para o pescoço ou braço esquerdo devido a insuficiência coronária.

Angiografia—Radiografia obtida após a injeção dum produto de contraste num vaso.

Antiagregante plaquetar—Medicamento que vai impedir que as plaquetas se colem umas as outras.

Aorta—Maior artéria do corpo, sai do ventrículo esquerdo.

Arritmia—Alteração do ritmo regular do coração.

Aterosclerose—Depósito de gordura (colesterol em particular) na parede das artérias.

A.V.C—Abreviatura de Acidente Vascular Cerebral.

Conjunto de entidades clínicas resultantes de lesões de vasos no cérebro (hemorragias, trombozes ou embolias).

Coronárias—Artérias que irrigam o músculo cardíaco.

Embolia—Obstrução súbita de um vaso por um trombo que se liberta (embolo) e é transportado pela corrente sanguínea.

Enfarte do Miocárdio—Morte, mais ou menos extensa de parte do músculo cardíaco, como resultado de uma interrupção súbita da circulação coronária.

Isquemia—Falta de oxigénio devido à redução do aporte de sangue, a um órgão ou tecido, por diminuição da circulação.

Trombo—Coágulo de sangue que se forma no interior de um vaso.



Uma experiência extraordinária.

Nenhum de nós tinha experiência de grandes caminhadas. Alguns passeios aos domingos de manhã, junto à praia. Alguns dias de Primavera passados em passeio (marcha lenta, com frequentes paragens) nalguns percursos que nos tinham aconselhado pela sua beleza (costa de Viana do Castelo a Vila Praia de Âncora, ou o percurso pelas praias de Gaia, de Lavadores a S. Félix da Marinha). Nada nos indicava que tivéssemos estofos ou preparação para aguentar uma caminhada de grandes dimensões. Pelo contrário, histórias que fomos ouvindo de pessoas conhecidas que fizeram caminhadas equivalentes, sobretudo a Fátima, levavam-nos a pensar ser necessária uma capacidade de sofrimento que à partida não reconhecíamos em nós mesmos.

Depois, tudo começou com uma notícia de Jornal onde se dava conta da primeira caminhada pelos Caminhos de Santiago organizada pelo Teatro Construção de Joane em 2004. Posteriormente ao consultar o site da Internet dessa Associação um de nós ficou a saber que em 2006 a caminhada seria repetida e que estavam abertas as inscrições. O bichinho ficou a remorder e acabamos por nos inscrever.

Os caminhos de Santiago são uma das mais antigas instituições, quer no domínio religioso quer cultural, da Europa. Uma instituição que teve os seus altos e baixos e que actualmente encontra particular dinamismo, devido ao interesse por ela manifestado pelas autoridades da Galiza, que para além do seu carácter histórico e patrimonial, estiveram atentas ao seu valor turístico, veja-se o cuidado posto na marcação dos caminhos e a criação e manutenção dos albergues de peregrinos, muitas vezes feita em regime de voluntariado pelas associações de “vecinos” das localidades.

Fazê-lo com uma estrutura organizativa montada como nós fize-

mos, tem imensas vantagens: não tivemos que carregar mochilas com roupas e calçado, tivemos as refeições asseguradas nos locais e horas certas, tivemos apoio de enfermagem e fisioterapia que tão necessário foi para pés massacrados e, embora não possa haver marcações prévias nos albergues, a deslocação das carrinhas permitia aos primeiros grupos a chegar e a organização mobilizar as boas vontades e recursos necessários para suprir carências de um ou outro albergue.

Convém notar que os albergues não são hotéis, mas que proporcionam uma convivência e proximidade que, em grupos relativamente grandes como o nosso, são factores de enriquecimento da experiência.

Iniciamos a nossa peregrinação no santuário do Senhor do Socorro, na Labruja, perto de Ponte de Lima, no Domingo de Ramos. Chegamos a Santiago na Sexta-feira Santa. A maior etapa que percorremos, de Porriño a Pontevedra, teve extensão de 37 km, a mais curta, de Teo, o último albergue, até Santiago, 12 km (que estiveram longe de ser os mais fáceis). Com pena nossa, por ser Semana Santa, não houve missa de peregrinos à chegada, nem pudemos ver o espectáculo do “Bota fumeiro”. Em contrapartida pudemos presenciar uma das procissões da Semana Santa de Santiago de Compostela.

O grupo com quem fizemos a caminhada era diversificado e foi um dos factores de enriquecimento desta experiência. Ainda hoje alguns de nós se encontram para jantar, recordar e conversar.

Houve alguns momentos maus, muitas dores nos pés, uma ou outra lágrima, mas houve mais vontade. E a beleza do Caminho (da maior parte pelo menos) e a solidariedade dos colegas ajudou a esquecer as contrariedades.

Ficamos muito felizes por ter realizado esta experiência. Uma experiência extraordinária.

Ângela e Nuno Vasconcelos

Como podemos ser competitivos ? ...

Estamos sempre a ouvir da boca dos nossos governantes a estafada frase : para sermos alguém **TEMOS DE SER COMPETITIVOS**.

Mas o que é isto de sermos competitivos? Ora esta palavra exprime competição ou seja, um desafio para atingirmos um objectivo.

Mas afinal qual é esse objectivo? Será só caminhar em frente?

Poderemos fazê-lo sozinhos ou não será todos darmos as mãos e vamos a isto? Mas o “isto” é o trabalho a sério, em grupo e devidamente comandados para podermos ser produtivos.

Sendo assim necessitamos de bons comandantes. E já agora temos de nos mentalizar que temos ser bons executantes para que o produto final seja de boa qualidade e a um custo aceite no mercado, ou seja a preço convidativo.

O certo é que todos os dias ouvimos falar numa palavra chavão - “A CRISE.”

Em parte esta palavra/sentimento está dentro de nós porque estamos, há uns tempos a esta parte, a vivermos com situações de carência em tudo o que nos rodeia.

É verdade que temos de ser optimistas para podermos ter coragem para avançarmos.

Há vários caminhos para o fazermos mas têm de ser os nossos governantes a indicá-lo para o que custe o que custar, têm de criar condições para termos êxito que, segundo perspectivam, só daqui a quatro anos ou mais é que o poderemos conseguir(e vejamos ainda o que temos de sofrer !...).

Estou-me a lembrar que estamos sobrecarregados de impostos e que o principal é o que incide sobre os produtos petrolíferos, onde o Estado português vai arrecadar segundo cálculos mais ou menos recentes, cerca de setenta por cento do preço final ao consumidor. Ora não podia o Estado português dar aqui uma “ajudinha” baixando mais um pouco? Para isso teria de compensar noutra sector, ou seja baixar as despesas que ele próprio faz. É que o preço do petróleo influencia basicamente a nossa competitividade, por exemplo em relação aos nossos vizinhos espanhóis porque conseguem fabricar mais barato e originam o fecho das nossas fábricas e provocam o desemprego que se tornou um flagelo do nosso quotidiano.

Ou então que se criem alternativas energéticas para além das que já existem, de molde a reduzirmos drasticamente a dependência do petróleo. Aliás, ainda há dias li num jornal diário que no ano passado o nosso país importou de Espanha, (e o que é de espantar de origem nuclear) cerca de dezasseis por cento da electricidade que consumimos.

Isto para não falar de IVA que os nossos vizinhos têm a dezasseis por cento.

Quer dizer, para produzirmos uma determinada mercadoria em pé de igualdade (em preço e qualidade) vejam só quanto temos de ganhar a menos em relação aos espanhóis. Era mesmo aqui que eu queria chegar !...

Então para sermos competitivos temos de caminhar lado a lado com os nossos governantes – em total sintonia – e só assim conseguiremos obter o que a maioria dos povos europeus já obtiveram – O BEM ESTAR E MELHOR QUALIDADE DE VIDA.

À atenção de associações patronais e sindicais ! ... É pena que assim seja!

Fernando Vilas Boas

TUST

Da expectativa à realidade

Alguém pensou, projectou realizou uma rede urbana de transportes públicos para as freguesias periféricas da cidade de Santo Tirso e muito bem, Santa Cristina do Couto beneficiou pela localização geográfica.

A expectativa era animadora por passarmos a usufruir de um serviço público mais económico, útil e que vinha colmatar várias lacunas.

Estávamos a evoluir no bom sentido.

Esta feliz realidade já tem vários anos, e se no início apenas foram sinalizadas as paragens com umas simples placas azuis com a inscrição PARAGEM TUST até se compreende, pois tudo tem um princípio (por vezes pobre). Contudo esperava-se que mais dia menos dia, quem diz dia diz ano, fossem criados os respectivos “abrigos”.

Essa esperança desvaneceu-se porque em vez disso assistimos à derrocada das próprias placas.

Com a mudança de local do Centro de Saúde, que entretanto ocorreu, ninguém se lembrou que os utentes de mais idade com dificuldades locomotoras, os que mais usam este tipo de transporte para além das crianças em idade escolar, precisam de se deslocar frequentemente a esta unidade de saúde e que para tal não têm as respectivas carreiras nem alternativas, a fazer interface com esse local.

Assistimos também a uma redução dos horários, provavelmente com alguma razão, pois os autocarros por vezes passavam praticamente vazios.

Serão estas considerações uma irrealidade?

Provavelmente todos gostaríamos de continuar a ter este serviço TUST mas com condições que melhor se adaptassem às necessidades dos tempos modernos do século XXI .

Fazendo a nossa freguesia parte do projecto de integração do perímetro urbano da cidade, não seria de mais ver o circuito coberto por “abrigo” modernos, iguais aos da cidade, a fazer uma cobertura dos locais vitais da cidade e a ter uma estrutura horária que melhor servisse os principais utentes deste serviço de utilidade pública.

Manuel Moreira

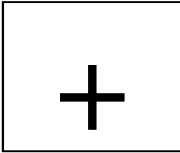
Equipa Redactorial

António Gomes
Fernando Vilas Boas
Manuel Moreira
Nuno Vasconcelos
Miguel Martins

Sr. Associado(a)
A sede está aberta às Quartas-feiras das
21:30 às 24 horas.

Barómetro da Freguesia

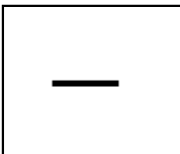
Loja da Cultura



É com prazer que assistimos ao nascimento de um Espaço dedicado às iniciativas culturais e de que há muito a freguesia estava carenciada.

A esse Espaço localizado no centro de Merouços, fazemos votos para que seja posto à disposição de todos os Cristinenses que olhem a Cultura como uma mais valia, e que a freguesia saiba corresponder positivamente aos anseios de quem promove as iniciativas culturais.

Ponte da Quebrada



As situações acontecem quando menos se espera. Contudo esta aconteceu por falta de fiscalização após a conclusão da obra anterior, que foi o alargamento do tabuleiro da ponte. A falta da reconstituição da represa que anteriormente existia no local, foi o factor causador da ruína dos pilares da ponte devido ao descalçamento da base dos pilares, motivado pelo aumento de corrente no local. Quem são os responsáveis?

Os residentes sofrem com tal situação. Para quando a sua solução?